

Título: *Carta Educativa do Porto - Percursos escolares, avaliação e expectativas face à escola: a perspectiva dos alunos e das famílias da cidade do Porto*

Autores: Idalina Machado* ; Fernando Pau-Preto**

Resumo: A comunicação que apresentamos procura sintetizar os principais resultados dos inquéritos aplicados aos alunos dos 2º e 3º ciclos e ensino secundário das escolas do Porto, bem como às famílias residentes na cidade com filhos a estudar entre o 1º ciclo e o ensino secundário. Integrados na componente mais qualitativa da elaboração da Carta Educativa do Porto, estes inquéritos constituem uma fonte de informação importante sobre a avaliação e as expectativas face à escola, ao sistema educativo mais global e ao percurso escolar e profissional. Para além disso, os resultados obtidos e que aqui apresentamos permitem questionar algumas das visões tidas como garantidas sobre o descontentamento e desinteresse face à escola. Desta forma, gostaríamos que esta comunicação pudesse deixar pistas para reflexões futuras em torno das problemáticas associadas à educação.

Palavras-chave: Carta Educativa; percursos escolares; avaliação e expectativas face à escola.

Introdução

A elaboração da Carta Educativa do Porto norteou-se por uma preocupação de constituir um documento que, mais do que uma simples Carta Escolar, abordasse a problemática da educação nas suas diversas dimensões ao nível da cidade do Porto. Assim, apostou-se num processo participado e centrou-se a elaboração do documento em duas grandes componentes: uma de natureza mais quantitativa (centrada na leitura de indicadores da educação produzidos por vários organismos oficiais) e outra de natureza mais qualitativa centrada na recolha da visão mais subjectiva de vários agentes educativos (entrevistas a órgãos de gestão das escolas, inquéritos aos membros do Conselho Municipal de Educação, inquérito on-line, inquéritos aos professores e inquéritos aos alunos e às famílias). É sobretudo na componente qualitativa que centramos a nossa comunicação e, mais especificamente, na visão dos alunos e das famílias.

A inquirição destes dois grandes grupos de agentes teve por base vários objectivos: captar a avaliação sobre as actuais condições das escolas; perceber o grau de satisfação face à escola e ao sistema educativo; analisar as expectativas em relação à escola e ao percurso escolar.

* Socióloga (Câmara Municipal do Porto/Gabinete de Estudos e Planeamento)

** Urbanista (Câmara Municipal do Porto/Gabinete de Estudos e Planeamento)

No fundo, o grande objectivo norteador da inquirição foi conhecer melhor a realidade educativa à luz da percepção que os alunos e as famílias possuem da escola e do seu papel na sociedade.

1. Breves considerações metodológicas

A aplicação dos inquéritos aos alunos e às famílias decorreu de uma adjudicação ao Centro de Estudos e Sondagens e Opinião (CESOP) da Universidade Católica. Do ponto de vista metodológico é importante fazer algumas referências, nomeadamente quanto aos procedimentos inerentes à construção e selecção das amostras uma vez que a dimensão da população de base impedia que se realizassem inquéritos exaustivos. A construção das amostras e definição dos critérios de selecção dos indivíduos a inquirir foram feitas pelo CESOP, garantindo sempre a aleatoriedade uma vez que se pretendiam amostras representativas. Foram alvo de inquirição os alunos do 2º e 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário a frequentar escolas públicas e privadas da cidade do Porto. Quanto às famílias, foram inquiridas as residentes na cidade do Porto, com filhos dependentes a estudar num estabelecimento de ensino da cidade (incluindo-se todas as famílias com crianças a estudar a partir do 1º ciclo do Ensino Básico e até ao Ensino Secundário)¹.

Quanto à amostra dos alunos, foram seleccionados aleatoriamente 1850 alunos (450 do 2º ciclo; 620 do 3º ciclo e 780 do ensino secundário), embora o total de inquéritos válidos para análise tenha sido de 1579, o que representa uma taxa de resposta de 86,5% (com uma margem de erro máximo de 2,46% e um grau de confiança de 95%). Quanto à amostra das famílias, foram seleccionadas 800 famílias representativas da população considerada, embora se tenham realizado 910 questionários, sendo válidos 897, correspondendo a uma taxa de resposta foi de 98,6% (margem de erro máximo de 3,27% e um grau de confiança de 95%).

A concepção dos instrumentos de inquirição resultou de uma estreita colaboração entre o CESOP e o Grupo de Trabalho da CEP e baseou-se na preocupação de garantir algum paralelismo ao nível das dimensões consideradas em ambos os inquéritos (fig.A-Anexos)².

¹ Atendendo a que em cada família poderia existir mais do que um jovem a estudar, foi necessário estabelecer alguns critérios de selecção: só contavam as crianças/jovens que estivessem a estudar a partir do 1º ciclo e até ao ensino secundário; caso houvesse mais do que uma criança/jovem nestas circunstâncias, o inquirido devia responder relativamente àquela que tivesse feito anos há menos tempo.

² A aplicação definitiva dos questionários ocorreu em dois momentos. No início de Maio foram aplicados os inquéritos aos alunos, tendo ficado a coordenação desta actividade a cargo do Grupo de Trabalho da Carta Educativa. Para a aplicação destes inquéritos houve a preciosa ajuda das escolas inquiridas que ficaram encarregues de os distribuir pelos alunos seleccionados (de acordo com procedimentos rigorosos definidos pelo CESOP e explicitados às escolas numa reunião preparada para esse efeito) e de os recolher preenchidos. O trabalho de inquirição das famílias foi levado a cabo pelo CESOP e pela sua equipa de inquiridores também no mês de Maio, mas após os inquéritos aos alunos.

Relativamente ao inquérito aos alunos podemos salientar algumas características da caracterização sócio-demográfica (fig.B-Anexos):

- a presença acentuada de alunos residentes na cidade do Porto (62,5%), embora os restantes se distribuam pelos outros concelhos da AMP;
- jovens inseridos, predominantemente, em famílias de média dimensão;
- maior expressão das mães enquanto encarregados de educação.

Do mesmo modo, mas agora para as famílias inquiridas, a informação de natureza sócio-demográfica que se pode salientar é a seguinte (fig.C-Anexos):

- peso considerável dos níveis de escolaridade até ao 9º ano (56,5%);
- apenas 27,1% dos inquiridos têm ensino médio/superior;
- mais de metade dos agregados familiares tem um rendimento mensal médio abaixo dos 900 euros (55,3%);
- perto de um terço dos educandos para os quais se recolheu informação está a frequentar o 1º CEB;

A análise que efectuamos de seguida pretende ressaltar os principais resultados obtidos através da aplicação dos inquéritos, centrando-se em torno de duas grandes áreas temáticas: trajectórias escolares, aprendizagem e apoio pedagógico; avaliação das condições actuais da escola e expectativas face ao futuro (escolar e profissional). Embora se tenha procurado garantir alguma similitude ao nível das problemáticas abordadas em ambos os inquéritos, procuramos aqui fazer uma leitura dos resultados diferenciada.

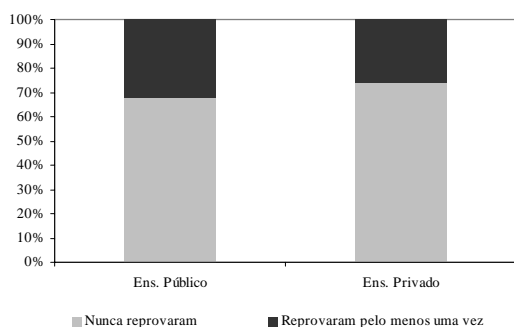
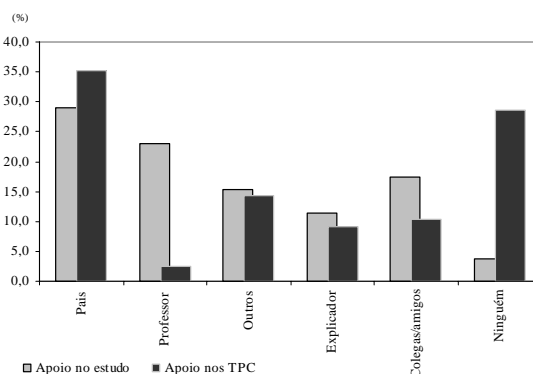
2. A perspectiva dos alunos da cidade do Porto

2.1. Trajectórias escolares, apoio pedagógico e aprendizagem

Neste ponto procura-se fazer uma análise das trajectórias escolares dos alunos inquiridos no que diz respeito às reprovações e ao apoio pedagógico, entre outros aspectos.

Sendo o insucesso escolar, aqui entendido essencialmente enquanto reprovação, um problema crucial quando se fala de sistema de ensino e, sobretudo, um problema de dimensão considerável em Portugal, procurou-se aferir esta realidade para a cidade através dos inquéritos aplicados. O objectivo era perceber se as elevadas taxas de insucesso registadas para o País³ também teriam a mesma expressão no Porto.

³ A propósito das taxas de insucesso e também de outros indicadores como as taxas de abandono, de saída precoce e antecipada, pode ser consultado o documento *Cartografia do Abandono e Insucesso Escolares* em www.min-edu.pt. Este documento é importante, na medida em que permite uma leitura dos indicadores referidos desagregados a vários níveis geográficos (nomeadamente concelho e NUTs III), revelando fortes assimetrias regionais.

Fig.1 - Reprovação por tipo de ensino**Fig.2 – Quem presta apoio nos TPC e no estudo**

Fonte: CMP - GTCEP - *Inquérito aos alunos*, 2005

Dos alunos que respondem à questão “alguma vez reprovaste?”, 30% refere que sim. A fig.1 procura mostrar as diferenças para o indicador em função do tipo de ensino frequentado, público ou privado. Como se pode verificar, a percentagem dos que nunca reprovaram é maior nos que frequentam o ensino privado, embora a diferença não seja substancialmente significativa. Quando analisamos a distribuição por nível de ensino, são sobretudo os alunos do secundário os que apresentam uma maior percentagem ao nível da existência de reprovações (facto inerente ao próprio percurso escolar mais longo).

Não importa unicamente aferir da existência ou não de casos de reprovação. É fundamental perceber a expressão do fenómeno, ou seja, quantas vezes os alunos reprovaram, já que os insucessos repetidos constituem, frequentemente, motivo de abandono escolar⁴. Deste modo, dos alunos que indicam já ter reprovado, cerca de 60% reprovaram uma vez e 28% duas vezes. Há, no entanto, uma percentagem ainda significativa que reprovou 3 vezes e mais: 13%. Atendendo a que cada vez mais os países enfrentam novos desafios, nomeadamente os que decorrem do desenvolvimento das economias e da crescente competitividade, é fundamental garantir uma sólida formação dos recursos humanos, quer através de uma aposta nas qualificações escolares, quer através da formação ao longo da vida. Neste sentido, não deixam de ser preocupantes os dados recolhidos, especialmente os que se registam para os 2º e 3º ciclos.

A compreensão das causas do insucesso escolar é fundamental para que se possam criar medidas de resolução do problema que sejam eficazes. Embora não tenhamos questionado os alunos sobre os factores que poderiam estar na origem dessas reprovações, procuramos perceber que tipo de apoios tinham ao nível da realização dos trabalhos de casa

⁴ Como sustenta o documento referido na nota anterior, geralmente a retenção precede o abandono escolar (entendido, nesse mesmo documento, como a proporção de indivíduos com 10-15 anos, relativamente ao total de efectivos desse mesmo grupo etário, que saíram do sistema de ensino sem terem concluído a escolaridade obrigatória – 3º ciclo - e que não se encontram a frequentar a escola).

(TPC) e do esclarecimento de dúvidas, até porque o acompanhamento que lhes é prestado é fundamental para garantir um percurso escolar marcado pelo sucesso, sobretudo nos níveis de escolaridade iniciais (fig.2). De um modo geral são os pais quem desempenha um papel fundamental ao nível do apoio no processo de aprendizagem, embora ao nível da realização dos TPC a ausência de apoio tenha um valor considerável. Em termos de ciclos, o apoio dos pais é mais evidente nos alunos dos 2º e 3º ciclos. Nos alunos do secundário este papel não é tão expressivo: os TPC são sobretudo realizados sem a ajuda de ninguém e para apoio nas dificuldades sentidas a nível do estudo o professor e os colegas/amigos têm um papel crucial.

Quando inquiridos sobre os motivos aos quais se devem as principais dificuldades sentidas relativamente às matérias, encontramos algumas pequenas diferenças entre os ciclos de escolaridade. A matéria complicada tem uma expressão considerável em todos os ciclos, embora tenha sido o primeiro factor apontado pelos alunos do 3º ciclo, enquanto o mais seleccionado pelos do 2º ciclo é o que se refere ao barulho sentido nas aulas e os alunos do secundário apontam mais a questão da falta de estudo. Já ao nível dos aspectos mais importantes para que um aluno tenha sucesso na escola, os resultados apontam claramente para a necessidade de estar atento nas aulas e compreender o que os professores dizem. Também o estudar muito é um aspecto bastante referido, o que, conjugado com os resultados da questão referente aos motivos justificadores das dificuldades na aprendizagem, demonstra a incorporação de um discurso de auto-responsabilização por parte dos alunos.

Ainda ao nível da aprendizagem, também se procurou saber a importância atribuída pelos alunos a um conjunto de condições eventualmente facilitadoras dessa aprendizagem. A realização de testes, a utilização da Internet, de computadores e a realização de visitas de estudo são as condições às quais os alunos atribuem mais importância para aprenderem melhor as matérias leccionadas nas aulas e a distribuição das respostas não sofre grandes alterações quando ventilada pelo nível de escolaridade frequentado.

Como podemos constatar na fig.3, a disciplina de Educação Física é umas das preferidas em qualquer um dos níveis de escolaridade abrangidos. Já a Matemática tanto aparece como umas das disciplinas preferidas como aparece como uma das disciplinas de que os alunos menos gostam. No entanto, é claramente a que tem maior expressão ao nível das disciplinas menos preferidas, e em qualquer um dos ciclos. As disciplinas de Português e de Inglês são também duas das menos preferidas, estando presentes nas respostas obtidas para todos os níveis de escolaridade considerados.

Fig.3 - Disciplinas mais e menos preferidas

	2º ciclo		3º ciclo		Ensino Secundário	
Disciplina que mais gosta	Educação Física	60,2%	Educação Física	55,1%	Educação Física	31,8%
	Ciências da Natureza	39,8%	Matemática	38,2%	Matemática	27,5%
	Matemática	38,1%	Ciências da Natureza	28,6%	Português	26,2%
	Educação Visual e Tecnológica	32,0%	História	27,3%	Biologia	22,5%
Disciplina que menos gosta	Matemática	43,6%	Matemática	39,7%	Matemática	38,3%
	Português	31,9%	Francês	33,8%	Português	30,1%
	História e Geografia de Portugal	29,5%	Inglês	33,8%	Filosofia	25,9%
	Inglês	28,7%	Português	29,4%	Inglês	22,2%

Fonte: CMP - GTCEP - *Inquérito aos alunos*, 2005; **Nota:** As percentagens foram calculadas tendo por base o número de casos válidos em cada ciclo (Disciplina que mais gosta: 2º ciclo = 394; 3º ciclo = 539; Secundário = 604; Disciplina que menos gosta: 2º ciclo = 376; 3º ciclo = 524; Secundário = 564)

Globalmente, são os alunos do 2º ciclo quem mais manifesta gosto pelo estudo (cerca de 60% refere que sim), embora nos outros dois ciclos sobressaíam as respostas “nem sempre”. Se se fizer a leitura desta questão cruzando com as principais razões pelas quais é importante ir à escola apontadas pelos alunos, verifica-se que para os do 2º ciclo o motivo que tem maior expressão é “aprender coisas novas”, enquanto para os do 3º ciclo e do secundário aparece como razão principal “ter um futuro melhor” (embora este seja o segundo motivo mais referenciado pelos alunos do 2º ciclo). É importante salientar a fraca expressão que tem a opção “não é importante ir à escola”. Embora nem sempre os alunos gostem de estudar reconhecem que o percurso escolar é fundamental para uma integração bem sucedida, nomeadamente em termos de mercado de trabalho. Um dos motivos também apresentados com alguma expressão prende-se com o facto da escola ser uma instituição potenciadora de relacionamentos sociais, ou seja, ela permite “fazer amigos”, aparecendo este motivo como a 3ª escolha para os alunos do 3º ciclo.

2.2. Avaliação da escola e expectativas face ao percurso escolar/profissional

Embora muito pudesse ser dito sobre as problemáticas referenciadas no título deste subponto, optamos por apresentar a leitura de um pequeno número de perguntas. Assim, quanto à avaliação a questão mais relevante é a que se prende com a indicação dos aspectos positivos e negativos relativamente à escola frequentada.

Os aspectos positivos mais salientados são os que se prendem com as instalações da escola (traduzidos na existência de espaços específicos – biblioteca, laboratórios - em equipamentos desportivos – pavilhão, ginásio – e também os espaços livres/circundantes), o ambiente da escola e os recursos humanos. Analisando esta pergunta por ciclos de escolaridade, constatamos as instalações aparecem em primeiro lugar para os alunos dos 2º e 3º ciclos, embora para os primeiros a expressão seja maior (88,9%). Já ao nível do ensino secundário, o aspecto mais mencionado prende-se com o ambiente da escola (69,6%), aparecendo as instalações apenas na 4ª posição. Os recursos humanos, que incluem professores e

funcionários, são também um dos aspectos bastante mencionado, ocupando, em qualquer um dos ciclos, um dos lugares ao nível das três primeiras referências.

Fig. 4 - Principais aspectos positivos da escola (%)

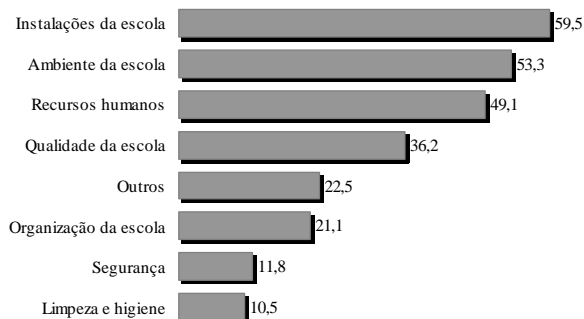
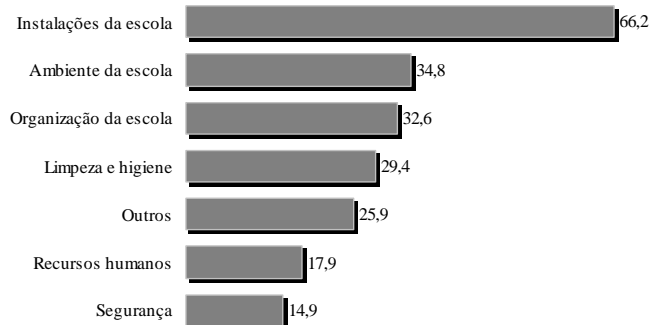


Fig. 5 - Principais aspectos negativos da escola (%)



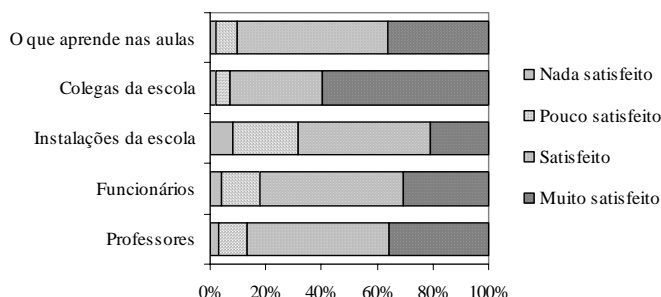
Fonte: CMP - GTCEP - *Inquérito aos alunos*, 2005

Já ao nível dos aspectos negativos são de novo as instalações que aparecem como o aspecto mais mencionado, logo seguidas do ambiente da escola. Embora estes dados possam parecer entrar em contradição com o que dissemos anteriormente, o que está subjacente à identificação destes aspectos como negativos é diferente do que está subjacente à sua identificação como positivos, já que em termos de problema está em causa a degradação física e a insuficiência das instalações. Paralelamente, enquanto aspecto positivo o ambiente escolar refere-se ao relacionamento entre os alunos, ao companheirismo e à amizade; enquanto aspecto negativo procura evidenciar a conduta dos alunos (mau comportamento e indisciplina). Em termos de ciclos de escolaridade, salienta-se a unanimidade quanto ao primeiro aspecto negativo e a discrepância nos segundo e terceiro aspectos: os alunos do secundário apontam em segundo lugar a organização da escola, os do 3º ciclo apontam a higiene e limpeza e os do 2º ciclo o ambiente.

A questão cujos resultados se apresentam de seguida diz respeito à manifestação do grau de satisfação dos alunos relativamente aos professores, aos funcionários, às instalações, aos colegas e ao que aprende nas aulas (fig.6). Globalmente o grau de satisfação manifestado pelos alunos nos vários domínios é bastante favorável. Os níveis mais elevados de insatisfação ligam-se às instalações da escola (31,7% de respostas “nada ou pouco satisfeito”), o que, de resto, confirma a indicação das mesmas como aspecto negativo da escola. O grau de satisfação manifestado pelos alunos dos diferentes ciclos não apresenta variações consideráveis, ou seja, as respostas centram-se no “satisfeito” e “muito satisfeito”. Realça-se, no entanto, o grau de satisfação mais elevado dos alunos do 2º ciclo em qualquer uma das dimensões avaliadas. Ao nível da maior insatisfação, são sobretudo os alunos do 3º ciclo que

apresentam percentagens maiores nas opções “pouco ou nada satisfeito”, nomeadamente ao nível da avaliação feita aos funcionários e às instalações da escola.

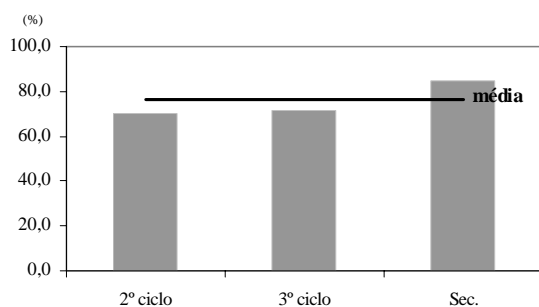
Fig. 6 - Satisfação face a um conjunto de dimensões



Fonte: CMP - GTCEP - *Inquérito aos alunos*, 2005

Finalmente, um último conjunto de questões centrava-se sobre as aspirações em termos de percurso escolar e profissional. O objectivo base era perceber, não só as expectativas dos jovens em termos de prosseguimento de estudos, mas também do papel que eventualmente o ensino poderá representar nas suas aspirações em termos profissionais.

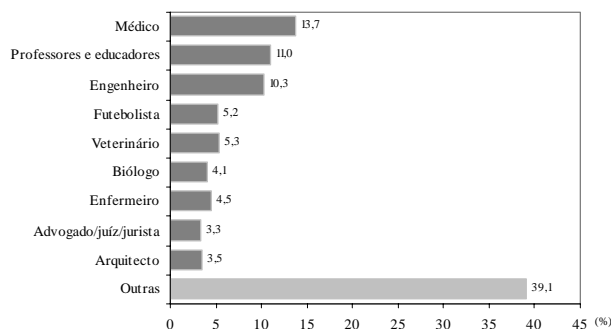
Fig. 7 - Nível máximo de escolaridade que pretendem atingir – Universidade, por ciclo



Fonte: CMP - GTCEP - *Inquérito aos alunos*, 2005

A fig.7 visa mostrar quais as aspirações dos jovens em termos de futuro escolar, nomeadamente a percentagem dos que querem concluir a universidade: a média ronda os 76,2% , estando acima deste valor os alunos do secundário (84,5%). A percentagem dos que apenas querem ficar pelo ensino secundário ou optar pelo ensino profissional é bastante residual: a média global é de 15,7%, sendo os alunos do 3º ciclo aqueles que apresentam uma posição acima da média. Um facto que merece destaque é a percentagem de alunos do 2º e 3º ciclo cujo objectivo é apenas concluir a escolaridade obrigatória: 13,1% e 11,3%, respectivamente. Face aos desafios crescentes que se colocam às sociedades, nomeadamente em termos de globalização e necessidade crescente de mão de obra qualificada, estes valores representam um cenário algo preocupante, já que limitam as possibilidades de inserção profissional destes jovens.

Fig. 8- Aspirações profissionais dos alunos



Na sequência do peso considerável que tem a aspiração de concluir universidade, aparece a questão que se prende com a profissão que os jovens inquiridos gostariam de vir a ter no futuro. Na generalidade as profissões indicadas exigem, na sua maioria, a conclusão de um curso de ensino superior. Do total de alunos inquiridos, 82,5% responderam à questão. Do conjunto das respostas obtidas, agruparam-se as residuais, tendo resultado num total de 39% para “outras profissões”. Os restantes 61% estão distribuídos de acordo com as profissões indicadas na fig.8. Apesar do grupo das outras profissões ser o que tem mais expressão, pode-se verificar que as restantes, com excepção da de futebolista, exigem níveis de escolaridade superior. Aquelas que apresentam percentagens mais elevadas são as de médico, professores/educadores e a de engenheiro (13,7%, 11,0% e 10,3%, respectivamente).

3. A perspectiva das famílias da cidade do Porto

3.1. Apoio pedagógico e aprendizagem

Um primeiro ponto de análise, e à semelhança do que foi feito para o inquérito aos alunos, prende-se com as trajectórias escolares dos educandos e com o apoio pedagógico e aprendizagem⁵. Cerca de 25% dos educandos já reprovaram, embora dentro da cidade possamos encontrar ligeiras diferenças em termos de zona de residência: acima deste valor está o centro histórico, com 27%, e abaixo a zona ocidental, com 21,9%. Embora a taxa de reprovação referenciada pelas famílias se situe abaixo da que foi indicada aquando da análise do inquérito aos alunos, a verdade é que valores na ordem dos 25% constituem um problema para o qual é premente encontrar soluções.

Ao nível do apoio pedagógico as questões colocadas passavam por várias áreas, desde a implicação da família em termos de ajuda nos trabalhos de casa e verificação dos cadernos escolares, passando pelo apoio prestado pela escola e pelo recurso às explicações.

Do ponto de vista do acompanhamento dado pelos pais ao nível do percurso escolar, dois dos indicadores prendem-se com a ajuda dada na realização dos TPC e com a verificação dos cadernos diários (figs.9 e 10). Globalmente, e ao nível da ajuda na realização dos TPC, as respostas oscilam entre o “sempre/muitas vezes” (39%) e o “poucas vezes/nunca” (36%). Evidentemente que este facto não pode ser lido sem ter em conta que uma parte considerável dos educando frequenta o ensino secundário e que é neste nível que os pais participam menos

⁵ Para o tratamento dos dados referentes às famílias procurou fazer-se a leitura, sempre que possível, por grupos de freguesias construídos tendo por base características partilhadas pelas mesmas. Os grupos criados são os seguintes:

- a) Centro Histórico: Miragaia, S. Nicolau, Sé, Vitória
- b) Centro Tradicional: Bonfim, Cedofeita, Massarelos, Santo Ildefonso
- c) Zona Ocidental: Aldoar, Foz do Douro, Lordelo do Ouro, Nevogilde
- d) Zona Oriental: Campanhã, Paranhos, Ramalde

no apoio em termos de realização dos TPC e apoio no estudo. Do ponto de vista geográfico, há diferenças que importa realçar: a menor participação dos encarregados de educação do centro histórico, embora os educandos destas famílias se encontrem, sobretudo no ensino básico, com especial incidência no 1º ciclo – apenas 28,1% dos encarregados de educação afirma que “sempre/muitas vezes” ajuda o educando na realização dos TPC, valor bastante inferior à média global. Quanto às restantes zonas, no centro tradicional, o facto do peso dos educandos a frequentar o secundário ser maior explicará a menor participação dos pais naquela actividade e nas outras duas zonas o grau de participação é muito semelhante, sendo que na zona oriental o valor da participação mais frequente é superior ao valor médio – 44,8%. Relativamente à verificação dos cadernos diários, os valores do “sempre/muitas vezes” são mais elevados do que os do indicador anterior: a média global situa-se nos 47,2%, sendo a zona ocidental e o centro histórico as duas zonas que se situam acima deste valor com 55% e 50%, respectivamente. Inversamente, são a zona oriental e o centro tradicional os que apresentam percentagens mais elevadas de respostas “poucas vezes/nunca”: 39,2% e 38,7%, respectivamente. Podemos, então, afirmar que há uma prática mais acentuada de verificação dos cadernos diários do que propriamente um apoio em termos de estudo e realização dos trabalhos de caso. No caso de algumas zonas não podemos deixar de ter em atenção o perfil sócio-demográfico das famílias, nomeadamente em termos de fracos recursos escolares e profissionais que condicionam as possibilidades de dar contributos em termos de aprendizagem para os educandos (é o caso, por exemplo, do centro histórico e também de algumas áreas da zona oriental).

Fig. 9 - Apoio na realização dos TPC

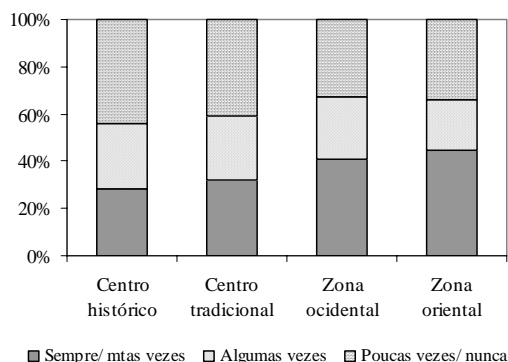
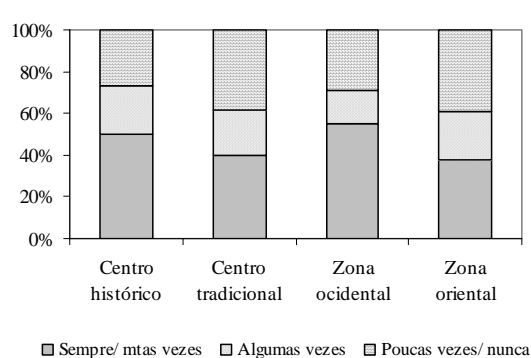


Fig. 10 - Verificação dos cadernos diários

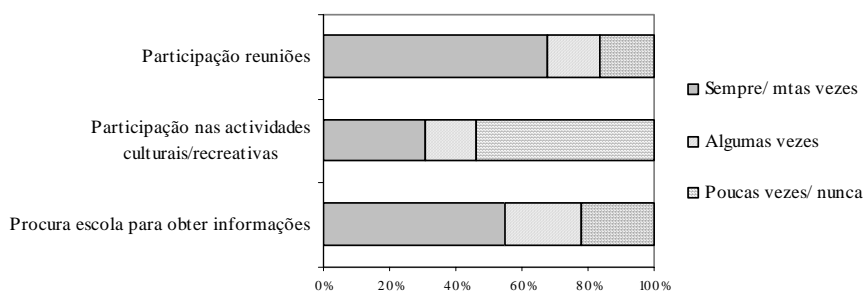


Fonte: CMP – GTCEP, *Inquérito às famílias*, 2005

O acompanhamento do percurso escolar implica também a participação noutras actividades, nomeadamente, nas reuniões realizadas na escola, bem como das actividades culturais e recreativas. Para além disso, a procura da escola por iniciativa própria no sentido de obter informações pode ser também um indicador do interesse dos encarregados de

educação pela vida escolar dos educandos. A fig.11 representa as respostas dadas a essas três questões. Globalmente verifica-se que a participação é maior a nível das reuniões organizadas pela escola, com 67,8% de respostas no “sempre/muitas vezes”. Já a participação nas actividades culturais/recreativas é bastante menor, com 53,7% de respostas “poucas vezes/nunca”. É importante salientar o interesse dos encarregados de educação pela procura da escola por iniciativa própria para obter informações: mais de 50% dos inquiridos referem que o fazem “sempre/muitas vezes”. Analisando as respostas dos inquiridos por área de residência detectam-se algumas diferenças: no que diz respeito à participação nas reuniões e nas actividades culturais e recreativas são os inquiridos da zona ocidental que apresentam os níveis mais elevados.

Fig. 11 - Participação dos encarregados de educação nas reuniões, actividades culturais e recreativas e procura da escola por iniciativa



Fonte: CMP – GTCEP, *Inquérito às famílias*, 2005

Fig. 12 - Escola dá apoio aos alunos em termo de aprendizagem (sempre/muitas vezes)

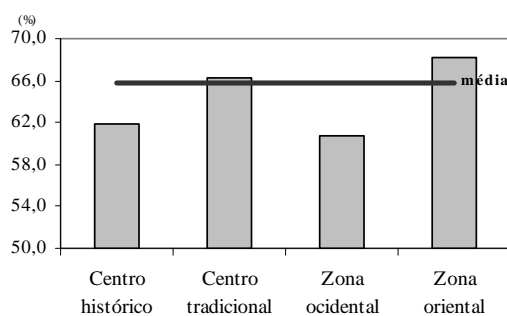
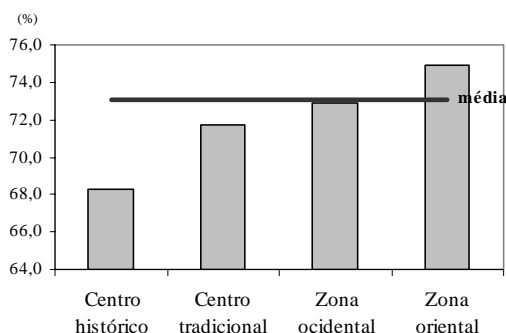


Fig. 13 - Professores apoiam quando os alunos têm dúvidas (sempre/muitas vezes)



Fonte: CMP – GTCEP, *Inquérito às famílias*, 2005

Para além do apoio que é prestado pelas famílias, também era importante equacionar qual a perspectiva das mesmas em termos do apoio prestado pelas próprias escolas e professores em termos de aprendizagem (figs.12 e 13).

Em termos do apoio que a escola dá ao nível da aprendizagem, a tendência é para uma visão positiva, com 65,8% dos inquiridos a responderem “sempre/muitas vezes”. Não obstante, pode ver-se na fig.12 que são as famílias da zona ocidental e do centro histórico as que se situam abaixo do valor médio, ou seja, são mais críticos do que os residentes nas outras

zonas. As famílias da zona ocidental, aliás, são as que têm a maior percentagem de respostas nas hipóteses “poucas vezes/nunca”: 18,4%.

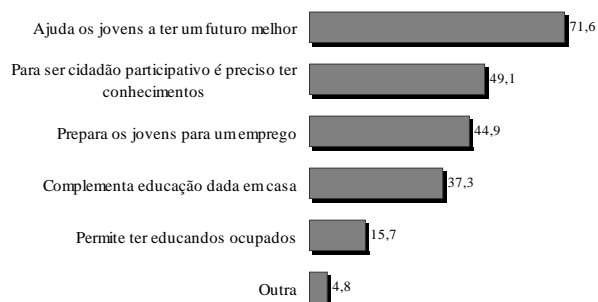
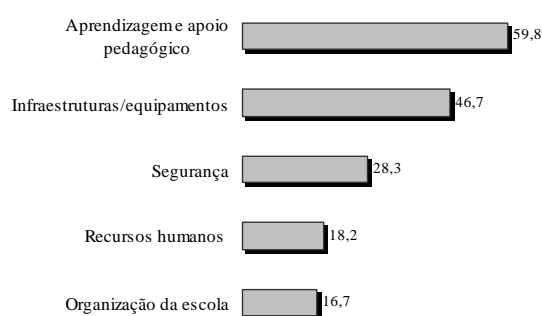
Quanto ao apoio que é prestado pelos professores ao nível do esclarecimento de dúvidas, uma vez mais a perspectiva é positiva, com 73,1% de respostas “sempre/muitas vezes”. Comparando as respostas dos inquiridos em função da zona de residência, são as famílias do centro histórico que apresentam um valor inferior à média com 68,3%. A zona oriental é aquela que tanto tem um posição mais favorável, com um valor superior à média global, como apresenta uma percentagem mais elevada de respostas “poucas vezes/nunca” (10,8%).

3.2. Avaliação da escola e expectativas face ao percurso escolar/profissional dos educandos

No que concerne a avaliação da escola que o educando frequenta, várias questões foram abordadas, nomeadamente os aspectos mais e menos positivos, os motivos pelos quais é importante a escola, entre outros aspectos. Foram salientados como principais aspectos positivos a *qualidade da escola*, presente em 59,7% dos inquiridos, os *recursos humanos* (44,5%) e a *organização da escola* (33,7%). Já ao nível dos aspectos negativos, surgem as *instalações da escola*, estando aqui subjacentes os problemas da degradação dos edifícios (49,2%), a *organização da escola* (40,3%) e a *segurança da escola* (30,3%).

A questão da importância da escola também foi colocada às famílias. Globalmente, dos 890 inquiridos que responderam à pergunta, 99,6% considera que sim. E, no sentido de melhor perceber que motivos estão subjacentes à atribuição dessa importância, apresentam-se na fig. 14 as respostas obtidas.

Tal como já se havia constatado para os alunos, também as famílias apontam a escola como importante na medida em que permite aos jovens ter um futuro melhor (este aspecto é referido em 71,6% dos casos). Aparecem depois duas razões com percentagens próximas: em 49,1% dos casos é apontada a ideia de que para se ser um cidadão participativo é preciso ter conhecimentos e em 44,9% dos casos aparece a escola como sendo importante na medida em que prepara os jovens para um emprego. Pode-se afirmar que há bastante convergência entre o que os alunos e as famílias pensam no que diz respeito à importância que é atribuída à escola. Para além disso, mesmo analisada esta questão por área de residência as diferenças não são significativas: ou seja, a primeira opção é, todas, a mesma que aparece globalmente; já ao nível da segunda opção, salienta-se o caso do centro ocidental que difere das restantes zonas na medida em que aponta a preparação dos jovens para um emprego, enquanto as restantes referem a opção que se referiu na análise global.

Fig. 14 - Motivos da importância atribuída à escola (%)**Fig. 15 - Características escola futuro (%)**

Fonte: CMP – GTCEP, *Inquérito às famílias*, 2005

Embora com algumas adaptações, também se questionaram as famílias sobre o seu grau de satisfação relativamente a um conjunto de elementos: professores, funcionários, instalações, turma onde educando está integrado, ambiente da escola e com o que o educando aprende na escola. Globalmente, as famílias apresentam graus elevados de satisfação com qualquer uma das componentes analisadas. As dimensões onde se regista mais insatisfação são, em primeiro lugar, as instalações da escola com 25,2% de respostas “pouco ou nada satisfeito”, depois o ambiente geral (20,2%) e, em terceiro lugar, a turma do educando (17%). Quando se analisam as respostas por área de residência, constata-se que são as famílias residentes no centro histórico aquelas que apresentam níveis mais elevados de insatisfação, sobretudo ao nível da turma do educando. Também as famílias da zona ocidental se manifestam relativamente insatisfeitas.

Tal como se constatou no inquérito aplicado aos alunos, também as famílias têm expectativas elevadas para os seus educandos em termos de percurso escolar e também profissional. Assim, 59% das famílias desejam que os seus educandos completem o ensino superior e 19,6% desejam, inclusivamente, que eles atinjam um nível de escolaridade para lá do ensino superior. A aspiração de um percurso escolar marcado pela obtenção de um grau superior (universidade) é generalizada, ou seja, a área de residência não é uma variável que exerça grande influência na escolha. Não obstante, é no centro histórico que as percentagens dos ensino secundário e profissional são mais elevadas enquanto no centro tradicional e na zona ocidental as aspirações de um percurso escolar pós universitário são mais evidentes.

Ao nível das profissões desejadas para os educandos, apenas 34,2% das famílias inquiridas respondem à questão. Destes, também 34,2% se enquadram numa categoria que foi denominada de outras profissões que engloba todos os casos de profissões percentualmente pouca expressivas. Quanto aos restantes 65,8%, verifica-se que todas as profissões indicadas e que têm maior expressão exigem o prosseguimento de estudos a nível superior. Com maior

expressão aparece a profissão de médico (28,7%), que é aquele que sobressai claramente. As restantes apresentam valores acima dos 5% e até 10%.

Em síntese, pode-se afirmar que as famílias apresentam elevadas expectativas face à escola e ao percurso profissional e escolar dos educandos. Para além disso, o grau de satisfação é mais positivo do que negativo, embora haja uma consciência clara dos principais problemas que afectam as escolas actualmente.

Conclusão

Da leitura dos resultados apresentados, e que se limitam apenas a algumas das questões contempladas em ambos os inquéritos, ressalta algum paralelismo entre a visão dos alunos da cidade e a visão das famílias residentes relativamente a algumas problemáticas: globalmente a escola é considerada importante na medida em que permite aspirar (e, eventualmente, concretizar) um futuro melhor; o nível de satisfação é, em geral, positivo, sendo as instalações da escola aquela dimensão que é mais negativamente apreciada em ambos os casos; há expectativas elevadas quanto ao percurso escolar (preponderantemente o ensino superior) e quanto ao percurso profissional (profissões qualificadas, exigentes do ponto de vista da formação académica e socialmente valorizadas).

Não podemos deixar ainda de focar o peso elevado da retenção pelos problemas que poderá acarretar a médio/longo prazo, nomeadamente a probabilidade de abandono escolar se os insucessos se repetirem e a conseqüente limitação em termos de qualificação escolar dos recursos humanos fundamental para o desenvolvimento do país. O apoio ao nível do estudo e da realização dos TPC, quer prestado pelos pais, quer garantido pela escola e pelos professores, revela-se um factor importante para que os jovens possam ter sucesso escolar. Aliás, esta é mesmo uma das principais características apontadas pelas famílias para a escola do futuro, mostrando a importância que tem a aprendizagem e a efectiva garantia de condições para este processo seja de efectivo sucesso.

Globalmente, as escolas são valorizadas pela sua qualidade (nomeadamente em termos de recursos humanos, de oferta de espaços como bibliotecas, laboratórios e equipamentos desportivos) e pelo ambiente vivido. As condições físicas são o problema mais urgente a resolver nalguns casos, até porque um ambiente físico degradado e a ausência de materiais de apoio didáctico condicionam a motivação dos jovens para a aprendizagem.

A visão subjectiva dos agentes educativos que estão mais directamente envolvidos com a escola revela-se, desta forma, crucial para se poderem adaptar as medidas a implementar às necessidades objectivas.

Anexos

Fig. A - Dimensões consideradas nos inquéritos aos alunos e às famílias

A.Caracterização sócio-cultural e económica		E.Avaliação do meio envolvente da escola	
Concelho de residência	Alunos	Qualidade urbana	Famílias + Alunos
Composição do agregado familiar	Famílias + Alunos	Segurança	Famílias + Alunos
Nível de escolaridade	Famílias + Alunos	F.Estudo e apoio pedagógico	
Profissão	Famílias + Alunos	Prestado pela escola	Famílias + Alunos
Actividades de tempos livres (e tempo dedicado)	Famílias + Alunos	Prestado pela família	Famílias + Alunos
Rendimentos	Famílias	Outras situações (explicador)	Famílias + Alunos
B.Percurso escolar do educando / aluno		Utilização das TICs	Famílias + Alunos
Mudança de escola	Famílias	Local de estudo	Alunos
Retenção	Famílias + Alunos	Tempo dedicado ao estudo	Alunos
Frequência J.I. e diferentes ciclos de ensino	Alunos	Causas das dificuldades sentidas	Alunos
C.Acção social escolar		Disciplinas de maior/menor interesse	Alunos
Apoios recebidos	Famílias	Condições que facilitam a aprendizagem	Alunos
D.Avaliação da escola		Tempo passado na escola	Alunos
Aspectos positivos	Famílias + Alunos	G.Expectativas face à escola e à educação	
Aspectos a melhorar	Famílias + Alunos	Nível de ensino a atingir	Famílias + Alunos
Higiene e segurança	Famílias + Alunos	Profissão desejada	Famílias + Alunos
Disciplina	Famílias + Alunos	Importância atribuída à educação	Famílias
Equipamentos (e frequência de utilização)	Famílias + Alunos	Características da escola do futuro	Famílias
Actividades extra-curriculares	Famílias + Alunos	Motivos de interesse pela escola	Alunos
Grau de satisfação	Famílias + Alunos		
Relações escola-família (e escola-aluno)	Famílias + Alunos		

Fig. B - Caracterização sócio-demográfica dos alunos inquiridos

Dimensão da amostra		Dimensão da família	
Inquéritos	1579	Até 2 elementos	9,4%
Género		3 a 4 elementos	64,7%
Masculino	49,1%	5 a 6 elementos	21,3%
Feminino	50,9%	Mais de 6 elementos	4,6%
Estrutura etária		Residentes com	
10-11 anos	15,9%	Pai	77,8%
12-14 anos	34,8%	Mãe	91,3%
15-17 anos	32,6%	Irmãos	45,4%
18 e mais anos	16,7%	Avós	13,0%
Concelho de residência		Encarregado de educação	
Porto	62,5%	Pai	25,5%
Outros concelhos da AMP	32,0%	Mãe	63,4%
Outros	5,5%	Avós	2,6%
Tipo de ensino		Outros	
Público	61,2%	8,5%	
Privado	38,8%	Tipo de habitação	
Nível de escolaridade		Casa ou apartamento de bairro social	15,4%
2º ciclo	25,8%	Morada/vivenda	26,3%
3º ciclo	34,8%	Prédio de apartamentos	51,5%
Secundário	39,4%	Ilha	2,5%
		Outro	4,3%

Fig. C - Caracterização sócio-demográfica das famílias inquiridas

Dimensão da amostra		Nível de escolaridade do educando	
Inquéritos	897	1º ciclo	31,7%
Género		2º ciclo	20,4%
Masculino	29,4%	3º ciclo	20,0%
Feminino	70,6%	Secundário	25,6%
Tipo de ensino do educando		Profissional	2,3%
Público	61,2%	Rendimento médio mensal do agregado familiar	
Privado	38,8%	Menos de 500 Euros	27,9%
Estrutura etária do educando		De 501 a 900 Euros	27,4%
4-5 anos	0,7%	De 901 a 1500 Euros	17,3%
6-9 anos	26,3%	De 1501 a 3000 Euros	15,3%
10-11 anos	16,4%	De 3001 a 5000 Euros	9,4%
12-14 anos	24,0%	Mais de 5000 Euros	2,7%
15-17 anos	24,4%	Estrutura etária dos inquiridos	
18-23 anos	7,8%	Menos de 24 anos	2,1%
23 e mais anos	0,4%	25-34 anos	12,5%
Nível de escolaridade dos inquiridos		35-44 anos	43,0%
Não sabe ler nem escrever	1,9%	45-54 anos	31,0%
4º ano/1º CEB (ou menos)	28,5%	55-64 anos	7,8%
6º ano/2º CEB	13,2%	65 e mais anos	3,6%
9º ano/3º CEB	14,8%	Tipologia de habitação	
12º ano/ Secundário	14,5%	Casa ou apartamento de bairro social	36,6%
Curso médio/ Frequência do Ensino Superior	6,8%	Morada/vivenda	13,6%
Curso Superior/Licenciatura ou mais	20,3%	Prédio de apartamentos	43,0%
		Ilha	6,3%
		Outro	0,5%

Fig. D – Mapa das zonas consideradas na análise dos resultados dos inquéritos às famílias

